

Os viajantes

Regina Porter



SLIP



FAÇA-SE O SAL

1954 1969 1979 1989 2009

Por um momento, no quarto do hospital, o coração de James Samuel quase parou. Essa sensação veio junto com a constatação e o pavor de ver que Deus não apenas era uma mulher como eis que o Salvador do mundo era negro. James estava dopado de analgésicos e a imagem Dela lhe veio confusa, como que saída de um sonho. Ele se viu lutando por palavras que não viriam, lutando para mover os braços como se quisesse declarar: *Antes que me julgue*. Mas então seus pensamentos se voltaram para um dia azul e brilhante, para uma piscina e para aquela sua neta, Winona, deslizando pelo buraco do dispositivo de flutuação em forma de donut e afundando, seus cachos marrom-avermelhados formando um turbilhão na parte funda da piscina. James virou-se, largando a luva de beisebol e dizendo a Elijah para ficar onde estava, então correu em direção à piscina, tão rápido quanto suas pernas de sessenta e sete anos permitiam, o que era

relativamente rápido, movendo-se do gramado bem cuidado para a escorregadia beirada da piscina de azulejos azuis onde, pouco antes de mergulhar, sentiu o chão molhado cedendo aos seus pés, derrubando James, o cara na escuridão.

Jimmy Jr. Ele era o pequeno Jimmy Jr. de novo, um garoto de doze anos parado debaixo do ventilador de teto da cozinha vendo a mãe quebrar a porcelana de boa qualidade, as xícaras de chá e os pires, o conjunto de pratos de jantar e salada de oito peças, as taças de cristal. Os pais de Jimmy se desentenderam. Os pais de Jimmy sempre se desentendiam, mas dessa vez a coisa tinha evoluído para uma briga propriamente dita, com palavras feias que não podiam ser retiradas nem ignoradas.

Seu pai, Jimmy pai, havia aceitado um emprego novo no corpo de bombeiros de Fresno sem consultar a esposa. Um emprego novo significaria mudar de cidade por três anos consecutivos, e Nancy Vincent amava Portsmouth. Sim, Portsmouth era cara (especialmente para uma família com uma única fonte de renda), mas também era um bom lugar para fincar raízes e criar o filho deles.

“Estão precisando de bombeiros em Fresno. Vão até bancar a nossa moradia.” Jimmy pai era bombeiro, mas a categoria andava sendo demitida a torto e a direito graças aos recentes cortes de orçamento de Portsmouth.

Nancy Vincent rugiu feito um leão naquela manhã de domingo. Ela era ruiva, mas não era propensa a ataques de raiva ou de mau humor a menos que de fato fosse provocada. “Estive em Fresno uma vez, numa convenção de bibliotecários. Aquela cidade é um inferno. Jimmy não vai passar nem perto de Fresno.”

A última casa que tiveram, apenas um ano antes, tinha sido

em Hartford, Connecticut. Quando trocaram Hartford por Portsmouth, Nancy não reclamou. O marido prometeu coisas, disse que ficariam na cidade nova até Jimmy terminar a escola. “Quando mudarmos para Fresno, teremos um cachorro”, disse Jimmy pai.

“Jimmy quer um gato”, respondeu Nancy.

Jimmy pai balançou a cabeça. “Que menino ia querer um gato?”

Jimmy queria ficar em Portsmouth. “Por favor, tanto faz se for cachorro ou gato, desde que a gente fique aqui.” Aos doze anos, quase treze, ele já era mais alto que o pai. Naquela época, o menino não sabia que um dia ele mesmo teria dois filhos: um de um casamento, outro de um caso extraconjugal, e que o filho nascido do caso extraconjugal teria a aparência, os modos e o temperamento do avô.

“Os caras da mudança vêm aqui no mês que vem, no último dia de aula”, disse Jimmy pai, encerrando o assunto. “É isso, encaixote suas coisas.”

O pai vestiu seu casaco novo de camurça. Nas noites de verão de Portsmouth às vezes batia uma brisa do oceano e uma jaqueta era a melhor proteção contra o vento. Jimmy pai foi ao bar perto de casa beber Guinness com os amigos.

“Vou visitar minha família”, gritou Nancy para o marido enquanto ele saía.

“Você não tem família.”

“Tenho meu tio Monroe.”

“E de onde vai sair o dinheiro, gracinha?”

Nancy estava sem trabalho fazia três meses. A economia também não andava favorecendo os bibliotecários de Portsmouth, nem seus restaurantes, lojas e museus. Mas Nancy tinha um olho clínico para pechinchas. Ela e Jimmy Jr. eram os loucos do Posto Comercial de Kittery, próximo dali.

* * *

Jimmy pai partiu para Fresno uma semana antes do restante da família para fazer o treinamento. Nancy percorreu os cômodos do apartamento triplex cantando “Bye, Bye Love” e escolhendo os itens que mais importavam para ela.

“Houve uma mudança de planos”, disse a Jimmy.

Ele ficou chocado com a eficiência da mãe, talvez ela tivesse aprendido isso com a profissão. Ela empilhou as fotos de infância do filho em uma mala de couro. Deixou as do casamento para trás. Pegou a certidão de nascimento e o RG de Jimmy, seus casacos de inverno, galochas, algumas calças, shorts e camisas e falou: “Quem disse que mulher não consegue fazer mala pequena?”.

Cada um deles encheu uma caixa com seus livros favoritos. Jimmy gostava de Dickens, Poe e Melville e podia passar a noite toda lendo *Moby Dick*.

Jimmy mal teve tempo de se despedir de seus melhores amigos. Lukas e Boone eram meninos cheios de acne e energia que também gostavam de ler até altas horas da noite. Eles saíam para pedalar em bicicletas Schwinn Deluxe Racer. Jimmy não tinha como saber disso, mas o B-52 de Lukas seria abatido durante uma missão no Vietnã. Já Boone McAllister se tornaria um objeto de consciência e abriria uma loja de alimentos naturais para veteranos em Portsmouth. Naquela noite, sentado nos degraus do prédio onde morava, tudo o que Jimmy sabia era o quanto sentiria a falta deles. Nancy Vincent nunca desmentia o filho quando ele dizia às pessoas que Boone e Lukas eram seus primos. Ela dizia que se apegar a novos laços de parentesco era natural quando sua própria família era pequena e desestruturada.

da. Os pais de Jimmy eram filhos únicos. A mãe pelo menos era. Jimmy pai nunca falava da família dele, só se estivesse bêbado. O *pessoal do Maine* era o máximo que saía dele. A *parentada do Sul* era como Nancy Vincent se referia aos parentes dela. O tipo de gente branca do Sul que não suportava o preconceito de sua própria cidade natal, acrescentou, como se aquelas palavras pudessem compensar os avós que Jimmy não conhecia. Tio Monroe era o único tio vivo que restava. Até pouco tempo, Jimmy tinha achado que ele era um personagem lendário, tão real quanto um desenho animado, uma sereia ou um sereio.

“Se prepare. O povo do Sul é estranho”, advertiu Boone a Jimmy. Mas em todo lugar que ia naquelas trinta e duas horas de viagem até a ilha de Tybee, na Geórgia — paradas de descanso e postos de gasolina, lanchonetes e saguões de motel —, as pessoas já pareciam esquisitas o suficiente. Elas espalhavam o ketchup na batata frita com raiva, pediam uma orientação qualquer e depois não seguiam o caminho indicado, surgiam do nada e batiam um papo casual como se estivessem falando com amigos de longa data que não viam fazia tempo. Às vezes Jimmy ficava no carro enquanto a mãe corria para o banheiro para “dar uma refrescada”. Ele sentava com as pernas compridas apoiadas no banco do carona formando uma tenda enquanto comia salgadinho e olhava as pessoas indo e vindo, viajando para algum lugar, mas de certa forma congeladas, imóveis. Dar uma refrescada era sair para ligar para o pai dele. Dar uma refrescada era sair correndo da parada de descanso sem nem olhar para os dois lados na hora de atravessar a rua em direção ao estacionamento. (Ela quase foi atropelada duas vezes.) Dar uma refrescada era um silêncio mortal e os pezinhos miúdos de sua mãe implorando por uma multa por excesso de velocidade enquanto pressionavam

com força o acelerador. Dar uma refrescada era o olhar de irritação na cara dela quando Jimmy ousava perguntar pelo pai.

A viagem até Tybee durou uma pequena eternidade e incluiu uma parada em Manhattan para ver uma apresentação gratuita ao ar livre da nova montagem do musical *Do mundo nada se leva*, algo que Jimmy achava que ele e sua mãe sabiam muito bem. Em Washington, pararam para ver o Memorial de Lincoln. Eles ficaram em um Holiday Inn em Maryland e aproveitaram o café da manhã de cortesia com cupons.

“Se o café da manhã é de graça, por que precisamos de cupons?”, perguntou Jimmy à mãe, meio irritado.

Nancy se recusou a dar corda para a frustração dele. “O tio Monroe é um cara legal.”

“Quando foi a última vez que você o viu?”, perguntou Jimmy.

“Ah, eu devia ter cinco anos. Lembro que ele era dono de um mercado de peixe.”

“Ótimo. Eu posso vender peixe. Posso ser pescador quando eu crescer.”

“É um plano e tanto.” A mãe de Jimmy encarava a vida de um jeito leve. Talvez fosse jovem para sempre. Ao contrário do que acontecia com tantas mulheres, as agruras do casamento não estavam estampadas no rosto dela. Só mulheres bonitas conseguiam sustentar um corte joãozinho: feições expostas ao mundo, cabelos bem curtos. Ela havia cortado o cabelo com uma tesoura de aço pouco antes de ir embora de Portsmouth, deixando um rastro de mechas vermelhas pelo piso preto e branco da cozinha. Também deixara para trás o sonho de se aposentar em Portsmouth. Uma casa de campo em Cape Cod. Do tamanho ideal para uma família de três.

“Comprei isso aqui com meu suado dinheiro”, disse Nancy quando partiram no Cadillac Coupe de Ville rosa ano 1951, único bem em seu nome. “Nem morto seu pai ia querer ser visto num troço rosa feito este. Bem, vai ver foi por isso que eu comprei.”

Tio Monroe os recebeu com um aceno de cabeça e um sorriso de quem diz “essas coisas acontecem” em seu bangalô de dois quartos que não parecia lá muito sólido. Ele tinha uma barba grisalha no rosto comprido de cachorro. *Bem, o papai disse que eu queria um cachorro. Agora vou morar com um. Não tem nada mais parecido com um cachorro do que o tio Monroe.* Era um pensamento malvado, mas uma acidez lenta se enraizara em Jimmy desde que deixaram Portsmouth. Ele ainda não tinha visto nenhum arco-íris, e arco-íris tinham sido uma constante em sua vida. Havia muito sol e nuvens em Portsmouth, o que fazia com que cores estourassem no céu e o surpreendessem do nada.

Ainda bem que Nancy não tinha trazido muita coisa. A casa do tio Monroe era bem casa de homem mesmo. Ele já não vendia peixe, mas a casa era cheia de cabeças de peixes de plástico e jornais enrolados em cima das mesas, além de panelas e frigideiras velhas e camas duras, um sofá xadrez esgarçado e uma pequena TV que só pegava o básico para ver o jornal da manhã e saber se tinha uma tempestade a caminho.

“Você não é dado a confortos, tio”, disse a mãe de Jimmy ao tio Monroe quando ela saiu do quarto mancando depois da sua primeira noite de sono no colchão duro feito pedra.

“Conforto não é funcional”, foi a resposta do tio Monroe.

“Gosto dessa filosofia”, disse a mãe de Jimmy ao notar que a água quente ficava fria cinco segundos depois que ela entrava no chuveiro.

“A água apodrece o ferro e afunda navios de guerra”, explicou tio Monroe.

“Isso de um homem que vende peixe.”

“Eu só vendia, querida. Não sou pescador.”

Nancy deu risada. “É uma pegadinha ou somos mesmo parentes?” Na semana seguinte, ele saiu e comprou dois colchões novos da Sears para o quarto que Jimmy e a mãe dividiam. Também trouxe para casa um buquê de alfazema e ásteres da Piggly Wiggly’s.

Dali a duas semanas, Nancy Vincent já tinha perdido parte do entusiasmo. Fazia longos passeios pela praia colorida de sal, só que sempre à noite, sem Jimmy. Começou a falar sozinha e a ter surtos repentinos que faziam Jimmy querer tapar os ouvidos com uma rolha. “Idiota. Imbecil. Burra. Que diabos eu estava pensando todos estes anos?”

“Quando vamos voltar para Portsmouth?”, perguntou Jimmy no terceiro domingo.

“Quando for a hora.”

“O que isso significa?”

Tio Monroe interrompeu. “Significa que seu velho era um pé no saco. E que Portsmouth ficou para trás.”

“Olha como fala, tio”, disse Nancy.

Tio Monroe levantou as mãos. “Meu amigo King Tyrone acabou de chegar com um barco carregado de caranguejos. Você já pegou um caranguejo azul?”, disse tio Monroe, olhando para Jimmy.

“Eu gosto de lagosta”, respondeu Jimmy.

“Ele não reconheceria um caranguejo azul nem se o caranguejo lhe desse um beliscão no nariz”, admitiu Nancy.

A expressão do tio Monroe caiu tanto que Jimmy achou que a cara dele fosse chegar até o chão. “Isso é um pecado. É uma vergonha.”

Tybee significa sal na língua euchee, sussurrou a mãe para ele. Os índios euchee fundaram a ilha Tybee. Foram os primeiros a morar aqui. E onde estão agora?, Jimmy queria saber. Uma praia bonita podia significar alguma coisa para outra pessoa, mas não para Jimmy Vincent. Para começo de conversa, ele preferia aquelas praias indomáveis, selvagens, com pedras, penhascos e quebra-mares perigosos nos quais você arranhava os joelhos. Ele gostava das praias geladas do Maine, das praias de seu *pai* e do choque de frio na espinha quando você dava o primeiro mergulho. Os verões de Jimmy em Portsmouth nunca tinham sido tão pegajosos e melequentos. A ilha Tybee tinha todo um novo patamar de calor e umidade. Como “levava um tempo para se acostumar” ao calor (“leva um tempo para se acostumar” era o bordão do tio Monroe), Jimmy pegou o hábito de levantar assim que o dia raiava, antes que os moradores tomassem conta da praia e o sol tomasse conta do dia.

Certa manhã, depois de ter passado duas semanas recusando os convites do tio para catar caranguejo, Jimmy decidiu que não tinha nada a perder com o programa. Do contrário, teria que suportar outra palestra da mãe sobre a história da ilha Tybee. Nancy Vincent estava determinada a despertar o interesse do filho. *Sei que para você pode não parecer grande coisa, Jimmy, mas esta ilha era um destino turístico. As pessoas diziam que vinham aqui para tomar um pouco de sal. Vinha gente de toda parte aqui, tomar ar fresco quando estavam doentes.*

A casa do tio Monroe ficava a apenas seis quarteirões da de King Tyrone, mas ele foi de caminhão. King Tyrone tinha uma

cabana em um píer em frente ao mangue. Era um homem magro e de pele escura com cerca de quarenta anos. Jimmy ficou surpreso quando viu que o tio Monroe era bem mais velho do que o pescador. Também ficou surpreso com a abundância de ásteres e lavandas-do-mar circundando a casa de King Tyrone.

“Piggly Wiggly o caramba!”, disse Jimmy.

O tio Monroe deu de ombros. “Nada de arranjar confusão.”

Eles não enrolaram muito para ir para a água. King Tyrone não tinha grande interesse pela companhia de gente que não fosse da família dele. Às vezes nem de visita de parente ele gostava.

“Chamam isto aqui de homem morto”, disse ele, abrindo um caranguejo e mostrando suas entranhas carnudas a Jimmy. “É assim que sabemos se um caranguejo é macho ou fêmea. Este tom brilhante alaranjado significa que era uma fêmea carregada de ovos.”

Estavam no bote de pesca de King Tyrone, com caranguejos se arrastando em volta deles. Jimmy viu os caranguejos azuis rastejando e subindo uns nos outros no convés do pequeno barco de pesca cinza e branco e teve vontade de chorar. Havia algo de bonito e triste naquelas criaturas.

“Hoje teremos um jantar e tanto”, disse o tio Monroe, dando um tapinha nas costas do garoto.

Jimmy viu King Tyrone pegando ao menos uma dúzia de caranguejos azuis com as mãos sem luvas nem nada e colocando-os em um barril de madeira. Suas mãos estavam cheias de calos e ele não parecia ligar para os beliscões.

“Isso não dói?”, perguntou Jimmy.

“Depois de um tempo você acaba se acostumando.” Às vezes, quando estava no mar, King Tyrone pensava que seria bom ter esposa e filhos esperando por ele na praia. Mas o oceano era imprevisível e um veio de azar corria na família. “As beliscadas não me incomodam mais.”

No fim da tarde, na cozinha, Jimmy observou tio Monroe soltar os caranguejos em uma panela de lagosta vermelha com água fervente enquanto sua mãe forrava a mesa de piquenique do quintal com uma camada extra de jornal. Viu aquela dança frenética dos caranguejos evoluir para uma série de movimentos arrastados conforme eles mudavam de cor. Jimmy achou que não conseguiria comer os bichos, mas foi traído pelo estômago e jantou bem naquela noite.

Na manhã seguinte, sua mãe foi a uma lanchonete local de frutos do mar chamada Stingray's junto com tio Monroe e preencheu uma ficha para tentar uma vaga de garçomete.

“A gente tem que começar por algum lugar”, disse ela. “Não faz sentido ficar esperando.”

Um dia depois que a mãe começou a trabalhar na Stingray's, Jimmy pegou a velha e acabada bicicleta do tio e pedalou por dez quilômetros até Fort Pulaski. Não disse nada a Nancy com medo de que ela ficasse preocupada com o trânsito que ele pegaria na estrada 80. Comprou o ingresso e tirou fotos do forte para enviar a Boone McAllister e Lukas Fall. Os amigos escreveram para dizer que estavam lendo *Nada de novo no front*. Ele respondeu com uma carta sobre o fantasma do soldado confederado que supostamente vagava pelo Fort Pulaski à noite em busca da própria cabeça. Após o passeio, Jimmy pedalou pelas trilhas de barro em volta do forte. Montado na bicicleta, passou por plantas, flores e pássaros cujas canções pareciam tropicais, estrangeiras. *Essas espécies de aves não existem em Portsmouth*, escreveu a Lukas e Boone. Pedalou até em casa com o chapéu de palha de pescador do tio Monroe e, pela primeira vez, o calor da tarde não o incomodou.

Numa noite, em Portsmouth, pouco antes de ele e sua mãe partirem, Jimmy estava voltando da casa de Boone quando ouviu alguém falando e reconheceu a voz do pai. Ele se virou e viu Jimmy pai e seus colegas bombeiros andando sem pressa pela rua, bebendo e falando baixaria. *Insegurança*, dizia o pai, dando um tapinha nas costas de um dos amigos, *mantenha sua mulher insegura e ela sempre voltará para você. Um fio de cabelo de outra mulher, um número que não significa quase nada para você e o mundo inteiro para elas. Elas parecem confiantes, mas é só fachada. Nunca conheci uma mulher que não duvidasse do próprio taco*. Jimmy pai dizia essas coisas de braço dado com outra ruiva que Jimmy passou meio segundo tentando acreditar que fosse sua mãe. Mas ela usava roupas mais joviais, mais justas. Um suéter vermelho combinando com o cabelo e calças de esqui. Jimmy olhou ao redor quase esperando encontrar um teleférico desses de estação de esqui, mas não havia estações de esqui em Portsmouth.

Uma vez Jimmy pai ligou de Fresno. “Fresno é um inferno”, admitiu para Nancy. “Eu fiquei com o deserto. Você ficou com a praia.”

O pai de Jimmy não disse que queria voltar com a mãe. A mãe de Jimmy não disse que queria o divórcio. “A ilha Tybee é bonita”, disse Nancy. “Gosto desta parte do Atlântico. As pessoas são fáceis e amigáveis.”

“Você ainda está na fase da lua de mel. Espere só até conhecê-las de verdade.”

“Acho que é justamente isso que eu vou fazer. Esperar.” Ela se deu ao luxo de falar arrastado.

“Ponha o meu menino na linha, fazendo o favor.”

“*Seu* menino? As estrias estão na *minha* pele”, disse ela, rindo.

“Então, Nancy, quando você voltar para mim eu estarei aqui com um pote de manteiga de cacau.”

“Quem disse que eu vou voltar?”

O pai de Jimmy deu risada. Quando o filho pegou o telefone, ele disse: “Jimmy, lembre-se do seguinte: o mundo sempre vai pegar os tolos para cristo. E sua mãe é uma tola”.

“Estou com saudade, papai.” Jimmy olhou para a mãe, que o encarou com uma expressão que deixava claro que ela era Cristo e ele era Judas. Ele não sabia que um ano mais tarde o pai se mudaria para Huntington, Long Island, e os levaria consigo. Aquele seria o período mais longo que Jimmy pai permaneceria em um emprego decente. Então Jimmy Jr. se formaria na Escola de Huntington e ganharia uma bolsa na Universidade de Michigan.

“Acho que preciso tirar um cochilo, Jimmy”, disse James pai. “Hora de desfoder tudo o que eu andei fodendo por aí.”

Era noite, a maré subia e Jimmy dobrou a bermuda cáqui até o joelho para se aproximar do Atlântico. Ele não tinha nadado naquele oceano desde que chegara à ilha Tybee. A praia era plana, com uma areia fina e macia. Jimmy caminhou na ponta dos pés, em seguida andou até a parte funda da água. O oceano morno reagiu àquela aproximação mandando uma onda brilhante que o derrubou, levando-o diretamente a uma ressaca e desafiando-o a ir em busca de ar. Nas entranhas da ressaca da ilha Tybee, Jimmy recusou o desafio. Ele pediu que os músculos relaxassem e que sua mente se acalmasse, até que o oceano o liberou daquele abraço de morte e ele pôde subir à superfície para respirar ar fresco. Jimmy tinha esquecido como nadava bem e o quanto era bom *nadar*.

Quando James Samuel Vincent abriu os olhos, estava de volta à Unidade de Terapia Intensiva Neurológica do Columbia Presbyterian Medical Center. “Minha neta?”, tentou perguntar a Beverly, o deus negro. Mas suas palavras saíram embaralhadas: “MHANET”.

Deus se inclinou, aproximando seu rosto borrado do dele. Havia um cheiro difuso de cigarro. Então, Deus é fumante, pensou ele.

“Estávamos preocupados”, disse Beverly.

Então Deus estava preocupado. Isso significava que ele, James Samuel Vincent, estaria indo para o céu ou para o inferno? Ele piscou novamente, tentando assimilar o semblante daquele Deus alienígena. Ela não se revelou para ele. Ela era tão volátil quanto os pensamentos dele. O quarto parecia flutuar em volta de James, alternando entre um azul cintilante e uma luz branca dura.

“MHANET”, tentou James novamente.

Beverly Christie, que estava acostumada com o efeito maluco dos analgésicos sobre pacientes idosos, chegou mais perto e respondeu: “Rufus e Claudia estão a caminho”.

Ruff, disse James mentalmente, *Ruff, meu menino*. Mas a boca dizia: “Uf Uf”. Foi então que James entendeu que sua boca estava coberta. Que ele estava sendo sufocado por um pedaço de plástico. Que estava com um tubo de respiração. Ao se tocar disso, James teve o ímpeto de se livrar do tubo, chutando e se debatendo.

“O senhor sofreu uma queda grave”, disse Beverly. “O senhor bateu a cabeça.”

Então estava vivo. Mas e as pernas? Por que não conseguia mover as pernas?

“O senhor foi transferido para o Columbia Presbyterian”, disse Beverly. “Adele está com as crianças.”

James sentiu algo. Um formigamento. Uma picada. *Jesus. Cristo. Meu Deus do céu.* Lágrimas brotaram de seus olhos. Fazia mais de trinta anos que ele não chorava. Por quem chorava? Chorava por si mesmo?

“Winnnnn”, disse James, o cara.

E Beverly entendeu. Ela acariciou seus cabelos grisalhos e sussurrou: “Winona e Elijah vão ficar tão felizes. Eles estão perguntando pelo senhor. A gente disse que o vovô estava dormindo que nem o Rip Van Winkle, mas não por cem anos”.



LIZ LAZARUS

REGINA PORTER nasceu em 1966, em Savannah, Georgia, Estados Unidos. Dramaturga premiada, com passagem pelo New York Stage and Film, Porter se formou no Iowa Writer's Workshop, na Universidade de Iowa, onde foi residente na temporada 2017-2018. *Os viajantes* é o seu primeiro romance.

